



UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO DA LUSOFONIA  
AFROBRASILEIRA – UNILAB

INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS

LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**PONTE CRUZADA: TECENDO NÓS COM ARTE E LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS**

MARIA JOSIANE MARTINS RIBEIRO

ACARAPE-CE

2023

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA - UNILAB INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA JOSIANE MARTINS RIBEIRO

**PONTE CRUZADA: TECENDO NÓS COM ARTE E LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentado ao Instituto de Linguagens e Literaturas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, como requisito necessário para a obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa.Dra.<sup>a</sup>Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo

**ACARAPE-CE**

**2023**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Ribeiro, Maria Josiane Martins.

R87p

Ponte cruzada: tecendo nós com arte e linguagem na educação de jovens e adultos / Maria Josiane Martins Ribeiro. - Redenção, 2023. 54f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Portuguesa, Instituto De Linguagens E Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Prof\*. Dr.\* Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Linguagens. 3. Arte. 4. Empoderamento. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 374.981

---

**MARIA JOSIANE MARTINS RIBEIRO**

**PONTE CRUZADA: TECENDO NÓS COM ARTE E LINGUAGEM NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS**

Monografia apresentada ao Instituto de Linguagens e Literaturas (ILL) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito necessário para a obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em: 03/02/2023

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Antonia Suele de Souza Alves Pereira**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Jacqueline da Silva Costa**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Peti Mama Gomes**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos guias que me fortalecem a cada caminhada, cruzamento e movimento. Peço licença e a benção a meus avós para caminhar firme por pontes cruzadas.

Agradeço,

a minha mãe Maria Lucilene, por sua história está cruzada neste trabalho, pelas “rebanadas” que já levou, pelocuidado que construímos uma pela outra;

a trajetória na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

a Professora Juliana Araújo pelas orientações, por sua amizade, incentivo, dedicação e compromisso para com práticas transgressoras na educação, e principalmente por fazer acontecer a teoria da intelectual bell hooks sobre construção de comunidades de afeto. Ju, sem seu movimento transformador este trabalho não teria sido concretizado;

ao Coletivo Iterlaços pelo construto diário que ocorreu durante o período do curso de Arte e Linguagens, sem essa experiência não teria sido possível a realização desse trabalho;

a Sara Maria pelo afeto, amizade, ajudas e confiança. Por nossos Salvador, Benin, Dipys e Amoras que simbolizam nossos sonhos e parceria de vida;

a dona Rose por sua gentileza, conversas e acolhimento, a senhora me faz perceber o quanto quem conhece uma Rosélia ganha um jardim;

a Monalisa Lima, querida amiga que inspira e me faz acreditar no quanto somos capazes de construir pontes afetivas na educação e para além dela;

a Ruth Rodrigues pela partilha de caminhar juntos na prática do curso e pelos nós que temos laçado desde o ensino fundamental;

a Sley Micaely por sua amizade, presença e reflexões, e por ser uma referência de sabedoria e amor.

Com imensa alegria agradeço a todas as pessoas que de uma forma ou de outra colaboraram para a realização desta monografia.

Meus sinceros agradecimentos!

“A mãe dizia ‘sai de dentro d’água’, quando vi era uma ‘rebanada’, correnteza bem forte, menina, o rio encheu e levou tudo que era de roupas lavadas, o pessoal pulava de cima da ponte pra baixo. Queria que tu visse, era muita água.” (Maria Lucilene, moradora de Baturité-Ce)

## RESUMO

A partir de uma observação para com a demanda de um projeto envolvendo arte e linguagens no Centro Educacional de Jovens e Adultos- Donaninha Arruda, localizado na cidade de Baturité-Ce que surgiu o curso de aprendizagem do macramê; tipo de artesanato produzido a mão. Para tanto, foi formada uma turma composta por mulheres que hoje são parte integrante do coletivo Interlaços, este que promove a interação de estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) para uma tecnologia social. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo desenvolver uma proposta de oficinas de leitura crítica em uma perspectiva decolonial para a promoção do empoderamento feminino. Especificamente com o foco de 1) Descrever o perfil das participantes do curso de Artes e linguagens do Centro Educacional Donaninha Arruda-CEJA; 2) Investigar, por meio dos relatos de experiências no formato de Podcast, o desenvolvimento dos diálogos na perspectiva do Feminismo Decolonial, debates acerca das relações de interseccionalidade para ampliação da consciência crítica e empoderamento feminino. E 3) Verificar, por meio dos relatos de experiências nos Podcasts, os impactos das oficinas no desenvolvimento da consciência crítica. E para as discussões dentro do grupo é utilizado um embasamento teórico de autores como: bell hooks (2013) e Freire (1996) no que tange discussões sobre ensino e sala de aula e Crenshaw (2002); Collins e Bilge (2019) elucidando sobre interseccionalidade; dentre outras autorias que auxiliam na didática do curso. A metodologia adotada para a realização das ações são: descrição do perfil das participantes, produção do podcast e verificação dos relatos das integrantes do coletivo. Nossas considerações são voltadas para consciência crítica em espaços educacionais, como também incentiva a construção de pontes que promovam a interdisciplinaridade de conhecimentos plurais.

Palavras-chave: EJA; Linguagens; arte; empoderamento.

## ABSTRACT

From an observation of the demand for a project involving art and languages at the Educational Center for Young People and Adults - Donaninha Arruda, located in the city of Baturité-CE, the macramé learning course emerged; type of craft produced by hand. To this end, a group was formed made up of women who are now an integral part of the Interlaços collective, which promotes the interaction of students from the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia (UNILAB) for social technology. In this context, this work aims to develop a proposal for critical reading workshops in a decolonial perspective to promote female empowerment. Specifically with a focus on 1) Describing the profile of participants in the Arts and Languages course at the Donaninha Arruda-CEJA Educational Center; 2) Investigate, through experience reports in Podcast format, the development of dialogues from the perspective of Decolonial Feminism, debates about intersectionality relations to expand critical awareness and female empowerment. And 3) Verify, through reports of experiences in Podcasts, the impacts of the workshops on the development of critical awareness. And for discussions within the group, a theoretical basis is used by authors such as: bell hooks (2013) and Freire (1996) regarding discussions about teaching and the classroom and Crenshaw (2002); Collins and Bilge (2019) elucidating intersectionality; among other authors that help in the didactics of the course. The methodology adopted for carrying out the actions are: description of the profile of the participants, production of the podcast and verification of the reports of the members of the collective. Our considerations are aimed at critical awareness in educational spaces, as well as encouraging the construction of bridges that promote the interdisciplinarity of plural knowledge.

Keywords: EJA; Languages; art; empowerment

## Lista de ilustrações

Figura 1 - Fachada do Centro Educacional de Jovens e Adultos Donaninha Arruda (CEJA).....	16
Figura 2: A sala de aula no CEJA.....	19
Figura 3- Roda de conversa com participantes do curso .....	20
Figura 4- Dados do alunômetro do CEJA de 2022.....	25
Figura 5- Podcast: “Entre nós - Coletivo Interlaços” .....	38
Figura 6- Integrantes do Coletivo Interlaços na exposição da UNILAB.....	45
Figura 7 - Participação do Coletivo Interlaços na FM Girassol .....	46
Figura 8- Feira expositiva do Coletivo Interlaços .....	47

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.</b> .....	<b>11</b>
<b>2. O NOME CEJA DONANINHA ARRUDA E A BRANQUITUDE DE BATURITÉ-CE.</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1 A sala de aula que foi direcionada para o coletivo de arte e linguagens: Construindo novas perspectivas.</b> .....	<b>18</b>
<b>2.2 O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CEJA DONANINHA ARRUDA.</b> .....	<b>22</b>
<b>3. PERCURSOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>27</b>
<b>3.1 Caracterização da pesquisa</b> .....	<b>27</b>
<b>3.2 Delimitação do espaço e público.</b> .....	<b>28</b>
<b>3.3 Passos do trabalho</b> .....	<b>28</b>
<b>3.4 O processo até a gravação do <i>podcast</i></b> .....	<b>29</b>
<b>3.5 A análise do <i>Podcast</i></b> .....	<b>29</b>
<b>4. CURSO ARTE E LINGUAGEM.</b> .....	<b>31</b>
<b>5. O PODCAST</b> .....	<b>36</b>
<b>5.1 ANÁLISES E DISCUSSÕES.</b> .....	<b>38</b>
<b>5.2 Os impactos do curso.</b> .....	<b>43</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.</b> .....	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS.</b> .....	<b>51</b>
<b>ANEXO.</b> .....	<b>54</b>



# PONTE CRUZADA

VIA  
CRUZAMENTO  
FÉRREA  
**PARE  
OLHE  
ESCUTE**

Fonte: MARTINS, Arquivo pessoal, 2023

## 1. INTRODUÇÃO

O título deste trabalho surge da minha encruzilhada como mulher baturitense que passou a infância e a juventude nos quintais de meus avós, construindo minha leitura crítica de mundo a partir das idas e vindas por pontes que eu, meus pais, tias, familiares e amigos cruzam todos os dias para existirem e resistirem as “rebanadas” do cotidiano.

Em uma encruzilhada, entre uma das pontes da cidade de Baturité (que marca uma separação geográfica e social entre o centro e a periferia) e a casa da minha avó, encontram-se, em um mesmo terreno, o Centro Educacional Donaninha Arruda (CEJA) e a escola de ensino fundamental Coronel Estevão Alves da Rocha. Parte da minha infância e adolescência foi experienciada entre a casa da minha avó e a escola Estevão, os dois espaços eram separados apenas por uma rua, que fazia parte de uma das encruzilhadas da minha vida (casa da vó e escola). Então voltar para esse mesmo espaço, onde tive minhas primeiras experiências na educação como aluna da escola e, revisitá-lo como aluna de uma universidade pública de qualidade, como a UNILAB, bolsista pesquisadora do CNPq, licencianda do curso de Letras, é expandir a minha encruzilhada (casa da vó, escola, universidade) através da ponte que liga a periferia da minha cidade à UNILAB.

O meu retorno à minha escola foi como pesquisadora/bolsista de um projeto de pesquisa denominado Coletivo Interlaços e, também, como formadora do projeto de extensão do curso de Arte e Linguagem no Centro Educacional Donaninha Arruda (CEJA), vivência que, também, possibilitou a fluidez de lembranças. A sala que ocupamos durante o supracitado curso é vizinha a que cursei a quinta série, esta informação é importante para destacar que a separação entre as duas escolas (ambas no mesmo terreno) se dava apenas por uma parede. Em minhas memórias, tenho a imagem deste cenário como uma ponte que me impedia de acessar lugar *outro*. Existia, neste espaço, uma parede que separava quem estudava ensino fundamental básico das salas de modalidade EJA, o *outro*. As crianças e adolescente da Estevão eram separadas dos jovens e adultos do CEJA, porque, segundo as normas das escolas, não poderíamos ou teríamos nada a compartilhar. Contrariando as normas da escola, este trabalho mostra que há muito o que se compartilhar quando rompemos os muros e paredes que separam e segregam e, neste trabalho, apresento o resultado de uma pesquisa que foi desenvolvida através de um diálogo de uma ex-aluna da Estevão e as mulheres do curso Arte e Linguagens do CEJA.

O título desta pesquisa “Ponte Cruzada” se justifica em duas vertentes, a primeira: de “ponte” que liga narrativas de vidas como elo de encontro e desencontros. Nomeação inspirada sobre a existência da ponte do Rio Putiú na cidade de Baturité-Ceará e a forma como é uma representação do quanto a interseccionalidade ocorre em nossas vidas. A escolha deste nome é por possuir narrativas de pessoas inviabilizadas, exploradas e afastadas de espaços educacionais a partir da geográfica espacial do lugar que habitam e as tantas pontes cruzadas existentes diante de empecilhos que mulheres e público como a EJA vivenciam para terem acesso à educação.

A ponte do Rio Putiú, uma das principais de Baturité, liga duas partes da cidade: um lado a periferia, com algumas comunidades rurais, morros, famílias de baixa renda e moradores que sobem ao centro para trabalhar, e, do outro lado, temos o centro, onde ficam o comércio da cidade, bancos, supermercados, feiras e prefeitura. O centro de Baturité carrega o permanente status de centralidade de território mais valorizado no quesito: casas com maiores valores financeiros, moradores com maiores privilégios econômicos, concentração de acesso a clínicas, comércios, secretarias de saúde e educação, bem como abrange os eventos gerais da cidade. Quando a ponte do Rio Putiú se rompia, devido às enchentes, o acesso à saúde, educação, trabalho, alimentação, casa lotérica e bancos, ou seja, direitos básicos, também eram rompidos.

Foi nesse contexto que a segunda vertente, que justifica o título da pesquisa, foi pensada. A palavra “Cruzada” é inspirada na concepção de interseccionalidade, cunhado pela professora, feminista, negra, norte-americana Kimberlé Williams Crenshaw, cujo o uso das ruas são para analisar as intersecções que se representam nos diversos sentidos – norte, sul, leste e oeste – e que se cruzam. Esses seriam os eixos de discriminação, podemos pensar a discriminação racial como uma rua que segue de norte para o sul e que se cruza com a discriminação de gênero, como uma rua na direção leste e oeste. Os tráfegos, os carros que se locomovem na intersecção representam “a discriminação ativa, as políticas contemporâneas que excluem indivíduos em função da sua raça e de seu gênero” (CRENSHAW, 2012, p.11).

Nesse contexto que surgiu o presente trabalho advindo do curso de Artes e Linguagens ocorrido no Centro Educacional de Jovens e Adultos- (CEJA) Donaninha Arruda, e que foi construído a partir do cruzamento com meu olhar, e com as mulheres participantes do projeto, sobre a cidade, principalmente na reflexão sobre a ideia de ponte, mas não de ponte rompida, e sim como caminho incentivador de projetos interdisciplinares na educação.

Importante destacarmos que alguns trabalhos foram desenvolvidos no contexto de educação do CEJA Donaninha Arruda, dentre eles, citamos a pesquisa de Ribeiro e Filho (2017). Os autores descreveram ações pedagógicas com obras literárias, escolhidas pelo corpo docente do CEJA, com o objetivo de “suscitar no educando o gosto pela leitura, através da interação entre sujeito e universo literário, aguçando o senso investigativo por meio de estudo teórico-crítico.” Ribeiro (2018) ainda defende a relevância da prática do letramento literário através de autores que representam a cultura cearense, como o poeta Patativa do Assaré.

De acordo com o Censo Escolar (2021), no município de Baturité, 56% dos matriculados na EJA são mulheres e 79% se declararam pretas/pardas. Com base nesses dados, podemos compreender o perfil predominante do CEJA: mulheres, pretas, periféricas. Levando em consideração essa importante informação, todo projeto desenvolvido nessa realidade voltado para o letramento literário e crítico deve, principalmente, considerar as realidades do principal público da EJA em uma perspectiva interseccional. Freire (2022) já defendia que falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado, alheio à experiência pessoal existencial dos educandos é algo que afasta os educandos dos espaços escolares, criando muros entre a escola e os saberes construídos nas práticas comunitárias. Segundo o autor (Freire, 2019):

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 2019, p. 32)

Ao selecionar livros, conteúdos, propostas pedagógicas para se trabalhar na EJA, por que não partir de uma “necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” Por que não discutir, criticamente, o silenciamento das mulheres pretas em planos de ação apresentados nas escolas, já que elas são a maioria da EJA? Por que não criar ações que promovam discussões críticas acerca da exclusão e violências de mulheres pretas, comunidades indígenas, pessoas LGBTQIAP+, pessoas com deficiências entre mais, que sofrem diariamente e o que as afastam dos espaços escolares?

Levando em consideração a necessidade de se promover espaços de discussão e diálogos críticos acerca do empoderamento feminino, dos feminismos em uma perspectiva decolonial, ou seja, a interseccionalidade raça, classe, idade, gênero e territorialidade no contexto da Educação de Jovens e Adultos, com mulheres que foram historicamente silenciadas, destacamos a importância da construção desse trabalho para a colaboração da educação para um espaço de conquistas, lutas e resistências que tem a intenção de promover, através de diálogos críticos e libertadores a partir da ação.

A presença desses espaços de diálogos e debates para a ampliação da consciência crítica na EJA são de extrema importância, pois, como bem destaca Freire (2014, p.33) “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “conivência” com o regime opressor”. É através dessa carência de espaços nos quais estimulem leituras críticas que esta pesquisa se insere, considerando as questões levantadas nos parágrafos anteriores, podemos afirmar que esse trabalho é caracterizado pela articulação de dois problemas sociais atuais, desafios para o desenvolvimento de leitoras críticas e a busca pela igualdade de gênero. Dessa forma, como modo de contribuir para a solução desses problemas, destacamos como objetivo geral: desenvolver rodas de conversas a partir de leituras críticas com um grupo de mulheres matriculadas no curso Arte e Linguagens da EJA em uma perspectiva decolonial para a promoção do empoderamento feminino. Como objetivos específicos destacamos: a) Descrever o perfil das participantes do curso de Artes e linguagens do Centro Educacional Donaninha Arruda-CEJA; b) Investigar, por meio dos relatos de experiências no formato de Podcast, o desenvolvimento dos diálogos na perspectiva do Feminismo Decolonial, debates acerca das relações de raça, classe e gênero para ampliação da consciência crítica e empoderamento feminino; c) Verificar, por meio dos relatos de experiências nos Podcasts, os impactos das oficinas no desenvolvimento da consciência crítica.

A presente pesquisa está dividida da seguinte forma: introdução do espaço e público com um apanhado teórico sobre o nome do CEJA Donaninha Arruda e a branquitude da cidade de Baturité, discussões sobre a sala de aula disponibilizada para o curso de Arte e Linguagem e o contexto da situação da educação EJA, logo após nosso percurso metodológicos, uma sessão falando sobre o curso Arte e Linguagem e do coletivo Interlaços, e como partes finais temos o *Podcast* e as análises e discussões por volta da gravação feita, bem como trazemos os impactos que o curso causou. Por fim apresentamos nossas considerações finais.



Fonte: MARTINS, Arquivo pessoal, 2023

## 2. O NOME CEJA DONANINHA ARRUDA E A BRANQUITUDE DE BATURITÉ-CE

Falar do Centro Educacional de Jovens e Adultos Donaninha Arruda da cidade de Baturité a partir de um olhar analítico é voltar a atenção imediata para a configuração estrutural de poderes presente na geográfica territorial que o CEJA ocupa e principalmente a quem a escola homenageia no nome do prédio (Figura 1). Para essa, verificamos de início que não existe documentos na escola sobre essa origem, mas em pesquisa foi possível identificar a branquitude operante nos espaços de poderes e a presença histórica de uma família constituída por pessoas não naturais da cidade de Baturité que se conheceram, casaram e deixaram marcados os seus privilégios sociais, econômicos, políticos e subjetivos de branquitude<sup>1</sup>.

Figura 1 - Fachada do Centro Educacional de Jovens e Adultos Donaninha Arruda (CEJA)



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Exemplificando melhor o contexto da branquitude presente no nome da escola da figura acima, foram identificados registros em jornais e em um dicionário biográfico da família. A história de Ana Custódio dos Santos se faz importante neste trabalho para evidenciarmos o porquê da escola ter seu nome. Segundo pesquisas, Donaninha Arruda, era natural de Sobral, foi casada com Ananias Arruda, natural de Aracati-Açu (Sobral), fazendeiro, dono de fábrica de cerâmicas, jornalista e que também atuou como prefeito de Baturité. O casal se conheceu

---

<sup>1</sup> Os estudos contemporâneos da branquitude têm convencionado concebê-la como fenômeno histórico, de caráter interseccional e relacional em sociedades marcadas por desigualdades raciais e sociais advindas do colonialismo ou do imperialismo (Frankenberg, 1999, 2004).

na cidade de Baturité em que Ana Custódio dos Santos ficou conhecida como Donaninha Arruda.

De acordo com a Revista Instituto do Ceará (1978) em um trabalho intitulado “Os Arrudas de Baturité”, a história da família Arruda, em específico do esposo de Donaninha, é contada a partir da chegada dele aos com 5 anos com seus pais a Baturité, na juventude chegou a cursar Humanidades como interno no Educacionário mantido por padres na serra de Guaramiranga, atuando como professor e diretor do jornal “A verdade”. O texto da revista destaca ainda mais sobre ele, postulando sua iniciativa da vinda de Padres Jesuítas para Baturité. Sendo fundador e presidente também da Associação Comercial, Rural e do Banco Comercial Agrícola de Baturité. Arruda (2011, p.338) conta que os pais de Ananinhas veio para cidade “atendendo à circunstância de ser esta cidade um centro comercial muito importante”, e dado o histórico, a família permaneceu na cidade e assim Ananinhas Arruda conheceu a esposa em um período que a mesma estava de visita ao seu tio, que naquela ocasião era padre da cidade de Baturité.

Donaninha possui um histórico de ter sido uma mulher cis, branca, catequista de crianças que casou aos 16 anos com Ananinhas de 25 anos, ela faleceu muito nova de aneurisma, sendo santificada e homenageada com uma igreja no local de seu falecimento. O marido mandou construir uma capela entre as cidades de Guamarimanga e Pacoti, coube observar nas pesquisas que o nome de Donaninha não consta no dicionário biográfico da família Arruda, devido esse fato, surgem mais informações sobre ela a partir da história dele, todavia ambos estão presentes nomeando ruas da cidade de Baturité e espaços educacionais como o CEJA.

De acordo com Bento (2002b, p. 27), “evitar focalizar o branco é evitar discutir diferentes dimensões do privilégio”, e fazer uma leitura da presença da origem do nome da escola é perceber que não se trata de alguém que era presente no contexto EJA, entretanto ao falecer foi homenageada e possui prédios em seu nome. Esse fato é importante de contar tendo em vista o quanto a história, partindo do pacto da branquitude de silenciamento (Bento, 2002), é presente nos espaços que frequentamos. E o pacto acontece através do silenciamento e naturalização de não criticidade sobre este nome na escola. E o perigo da naturalização é que “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.”. Adichie (2019, p.4).

## **2.1 A sala de aula que foi direcionada para o coletivo de arte e linguagens: Construindo novas perspectivas**

Refletir como a branquitude, cishéteropatriarcal<sup>2</sup> afeta as estruturas espaciais dos lugares é pensar também como os ambientes estão sendo assegurados e para quem estão sendo disponibilizados. Por exemplo, o CEJA carregar o nome de uma figura branca, cis, hétero é apenas mais um ponto de senso crítico para refletirmos, como “[...] a branquitude procura se resguardar numa pretensa ideia de invisibilidade, ao agir assim, ser branco é considerado como padrão normativo único” (CARDOSO, 2010, p. 611). Ou como a hétero, cisgeneridade é trazida para marcar sujeitos privilegiados de uma falsa normatividade.

Não pensar como essa estrutura atua de forma interna na escola é prejudicial para todos os corpos presentes nela. De acordo com Louro (2000 apud Hall, 2000, p.111) isso leva a pensar não só que as identidades são construídas na diferença, mas também - o que é mais perturbador - que elas são constantemente desestabilizadas por aquilo que deixam de fora. Logo, frisar como alguns papéis sociais<sup>3</sup> tidos como normativos se expandem internamente na configuração de lugares é fundamental para uma consciência crítica.

Nesse viés, convém partilhar que durante o período de sete meses que o curso de Artes e Linguagem estava ocorrendo no CEJA Donaninha Arruda, alguns incômodos, particularmente me acometeram, especificamente sobre a sala (Figura 2) na qual foi disponibilizada para ocorrer o citado curso, o lugar direcionado para Arte e Linguagem era a última sala, no fim do corredor do prédio, que também é vizinha ao lixo eletrônica da escola. E

---

<sup>2</sup> Cis é a abreviação que nos reporta a sujeitos enquadrados na normatividade, de uma sociedade que privilegia as pessoas cisgênero, conforme Jesus é conceito ‘guarda-chuva’ que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.(JESUS, 2012, p.25). Já heterossexual- é a pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica. (JESUS, 2012, p.26). Por fim, o termo patriarcado faz alusão à figura paterna como o detentor do poder na hierarquia, é uma especificidade das relações de gênero, estabelecendo, a partir delas, um processo de dominação-subordinação. Este só pode, então, se configurar em uma relação social. Pressupõe-se, assim, a presença de pelo menos dois sujeitos: dominador (es) e dominado (s) (CUNHA, 2014, p. 154).

<sup>3</sup> Segundo Martins (2010, p.43) Os papéis sociais conferem um status determinado que não é problematizado pelos que recebem tais classificações e atribuições. Os comportamentos se adaptam, se conformam e se confundem. Estes mesmos papéis sociais têm relativo valor e significados atribuídos pela sociedade. O papel social é um dos resultados do processo de socialização primário e secundário que merece observação e análise como realidade determinante dos padrões da sociedade e dos indivíduos que dela fazem parte. Constituem a identidade coletiva e a identidade individual do ser humano. Conforme Costa os papéis sociais envolvem comportamentos, pensamentos e sentimentos que determinam a consciência coletiva dentro de um cenário social (COSTA, 1987, p.54).

por tempos fiquei achando que estava sendo ingrata com o apoio oferecido para mantermos o curso, mas não era bem isso, pois o direito à educação, bem como a permanência nos espaços escolares é direito básico.

Figura 2: A sala de aula no CEJA



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

A Constituição Federal assegura a liberdade de condições para o acesso e permanência na escola (art. 206, inciso I); a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber (art. 206, inciso II); o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, bem como a coexistência de instituições públicas e privadas de ensino (art. 206, inciso III). Nesse contexto, trazer o incômodo sobre a sala ocupada foi a tomada de consciência para análise do que é disponibilizado para coletivos de pessoas plurais, como travesti, mulheres negras, mulheres indígenas, classe trabalhadora e branquitude que estivesse em desacordo com a normatização da estrutura branca/cis/hetero/patriarcal externa e interna a escola. Nesse sentido, não trazer essas pontuações vivenciadas no dia a dia do coletivo estaria sendo ilógico com as leituras e práticas descritas neste trabalho.

Em conversa com uma das formadoras, (figura 3) podemos destacar mais pontos presentes tanto de diálogos críticos como de novas perspectivas para um movimento interno e externo a respeito da educação oferecida no CEJA.

Figura 3- Roda de conversa com participantes do curso



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2022.

A figura 3, logo acima, diz respeito a um momento de diálogos com formadoras e participantes do coletivo Interlaços. E foi através dessas vivências e de uma gravação com a formadora M.L.R.de 24 anos, travesti, natural de Baturité (optamos por usar de iniciais quando trazemos nomes de pessoas que participaram de gravação ou entrevistas gravadas) que foi compartilhado sobre sua visão também sobre o espaço:

Sobre a sala de forma física (...) foi tudo funcional, obviamente que poderia ter melhoras, acho pra uma ventilação, né, era a única sala que não tinha ar condicionado, tinha ventilador, uma iluminação um pouco precária, e é isso, acho que dava para melhorar a sala de artes, dava pra ser um ambiente que houvesse um investimento. Mas no final ela funcionou, ajudou a gente a construir, deram um espaço funcional pra gente, a gente conseguiu trabalhar e criar muita arte, muita possibilidade, muita conversa, muito papo. Ah! E outra... eu sinto que o que me incomoda na verdade, seja a falta de... sinto falta de algo, falta alunas, falta alunos assim, cadê esse povo que não preenchem as salas? Cadê? A gente passou quase um ano lá, e o único projeto

de arte que tava ocupando aquela sala era o nosso. Então eu acho que senti falta de ocupação, de alunas e alunos lá, não necessariamente no nosso projeto mas que eu visse que ela continuasse viva porque a decoração que estava na sala era tão antiga que só mostrava que ela só começou a ficar viva de novo, de fazer sentido, porque era uma sala sem aluno não faz sentido, né, ela só começou a fazer sentido quando a gente chegou!

A fala de M.L.R. aponta para uma resposta sobre as ausências de entender o porquê da evasão de estudante na Educação de Jovens e Adultos e de refletir também com mais atenção para com transformações na educação, ela nos traz uma visão futurista de transgressão, que conversa com o que o autor Rufino traz na Pedagogia da encruzilhada, o pedagogo aborda por exemplo, que a encruzilhada pedagógica de possibilidades, nos mostra o corpo como esfera de saber, ele nos diz que: “o corpo como esfera de saber é aquele que transgride a violência e a opressão inscrevendo formas de luta e possibilidades de reinvenção de si” (RUFINO, 2019, p. 61). Logo, ao trazer apontamentos advindos de nossas vivências estamos estabelecendo ações para uma pedagogia entrelaçada com nós cruzados que reforcem a importância de mudanças. A participante do coletivo reforça:

Outro ponto que senti falta e relaciono com a sala é: professores! Aí digo sobre professores que trabalham lá, porque nosso projeto levou quatro professoras e fez acontecer e já viu como foi bom. E a gente teve professores jovens, professoras negras, brancas, trans e a gente viu como a partir do nosso projeto como isso, como essa pluralidade faz todo sentido para sala de aula que geralmente é tão plural. Todos os alunos são plurais, e eu sinto falta disso no CEJA como todo...Que o CEJA precisa de outras referências na docências, acho que as que tem lá, não quero falar que as professoras que estão lá não são capacitadas, jamais, mas que de fato precisa trazer mais referências, uma juventude na docência, uma juventude negra, uma juventude de pessoas trans, uma juventude de possibilidade. Porque tá faltando um movimento, e eu sinto falta disso, de movimento! (M.L.R.de 24 anos, travesti, baturiteense)

O que M.L.R. nos apresenta faz refletir em como vivemos em um sistema de educação que exclui de seus currículos e espaços corpos que fogem da norma padrão, norma essa que se configura como branca, cis, hetero, patriarcal e masculina. Diante disso, corpos negros/as, indígenas, trans, pessoas com deficiência e pessoas LGBTQIAP+ são corpos que ousam subverter a lógica desta normatividade e transgridem as fronteiras da exclusão, assim como M.L.R. faz ao compartilhar sobre sua experiência particular no início da participação como formadora do curso de Arte e Linguagem:

Quero falar da minha experiência pessoal de como eu me senti antes e durante todo o projeto, porque eu fiquei muito temerosa, quando recebi o convite, quando aceitei, no meu primeiro dia, de como as pessoas iriam me receber, tanto as alunas do projeto quanto os docentes do CEJA. Ah e por que esse medo, esse temor? Acho que ser travesti na educação tem essa tensão, de que alguma hora a transfobia vai me atacar. Seja por um olhar, por uma fala, seja por duvidar da minha capacidade de educar, em ensinar, e isso me deixou com medo. Mas eu vi que dentro do projeto a gente estabeleceu um laço, uma construção, uma relação muito boa que fui respeitada tanto pelas alunas tanto por professoras e professores do CEJA, o que me surpreendeu, num vou falar que não, porque eu já tava indo meio que preparada pra algo que me deixasse triste, é óbvio que não é tudo 100% mas que no geral, sabe o básico, de eu poder usar o banheiro que eu quero, das pessoas me chamarem como eu quero, como eu devo ser chamada, nos meus pronomes no meu nome. E isso, só o básico já garante muita coisa. E eu me senti de certa maneira acolhida. (M.L.R.de 24 anos, travesti, baturiteense)

Para que escolas e centros educacionais como o CEJA possam transgredir e proporcionar novas configurações de compartilhamentos de conhecimentos se faz necessário a garantia da multidiversidade dentro dos espaços de poderes. O autor Rufino (2019, p.2) nos salienta, a exemplo, sobre o quanto a encruzilhada é a boca do mundo, é saber praticado nas margens por inúmeros seres que fazem tecnologia e poéticas de espantar a escassez abrindo caminhos. E o que M.L.R. compartilha é justamente essa visão da prática de uma pedagogia cruzada, construída por nós, múltiplas de corpos e saberes.

## **2.2 O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CEJA DONANINHA ARRUDA**

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc-CE) oferece duas modalidades: a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que pode ser feita em escolas da rede estadual; e os Centros de Educação de Jovens e Adultos (CEJAS), que funcionam em locais específicos em que os estudantes contam com horários flexíveis, em uma modalidade semipresencial, sem a formação de turmas regulares. Para quem busca apenas o certificado tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Médio, também há a possibilidade do aluno realizar o Exame Nacional para Certificação de Competências para Jovens e Adultos (Encceja), algumas escolas e centros oferecem aulas preparatórias para a realização dessa avaliação.

O espaço onde desenvolvemos essa pesquisa foi em Centro Educacional de Jovens e Adultos (CEJA), localizado na zona urbana periférica da cidade de Baturité-Ceará. O prédio é situado no bairro Putiú, que leva o mesmo nome do rio que cruza a cidade e separa seus dois extremos: a periferia do centro da cidade.

O CEJA pertencente à rede oficial de ensino do Estado do Ceará, foi criado em 5 de junho de 2000 pelo Decreto nº 25904<sup>4</sup>, e é o único Centro de Educação de Jovens e Adultos do Maciço de Baturité, atendendo, diariamente, estudantes oriundos de cidades como: Baturité, Pacoti, Palmácia, Guaramiranga, Mulungu, Aratuba, Capistrano, Itapiúna, Aracoiaba, Acarape, Redenção, Barreira e Ocara.

No espaço, onde o CEJA Donaninha Arruda se localiza, funcionava, no passado, aulas de artes como bordado, crochê e pinturas, tais cursos oferecidos à comunidade, atraía moradores de bairros próximos da escola e, junto com as aulas de artesanato, essas pessoas também se alfabetizavam. Nesse sentido, o curso Arte e Linguagens, também partia da mesma estratégia, oferecer cursos de interesse da comunidade para que fosse possível incentivar a permanência das alunas no espaço escolar, sendo possível estabelecer um diálogo entre arte e leitura crítica.

Quanto à infraestrutura, o CEJA possui laboratório de informática, sala de coordenação e diretoria, sala de professores, banheiros para estudante e banheiros para professores, sala de atendimento para revisões e aplicação de provas, bem como possui cantina, almoxarifado, sala de aula de artes, sala de serviço de assessoramento pedagógico e um salão de convivência na entrada do prédio com mesas e cadeiras, que muitos estudantes optam por ficar nesse espaço para estudos.

No que se refere à quantidade de alunos e alunas matriculados no CEJA de Baturité, durante os anos 2019 a 2021, com base nos dados do Censo da Educação Básica (2019, 2020 e 2021), no primeiro ano de pandemia, houve um pequeno aumento no número de matrículas. De acordo com uma das professoras da escola, pressupomos que esse aumento se deu devido à modalidade remota de ensino, motivada pelo isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19, segundo a professora do CEJA, a escola passou a atender alunas e alunos que estavam residindo em outros municípios fora do Maciço de Baturité. No entanto, após a abertura da escola para as atividades presenciais, o número de matrículas caiu cerca de 40%.

---

<sup>4</sup> Quanto ao Plano Político Pedagógico (PPP) da escola, não foi possível apresentá-lo e discuti-lo nesta pesquisa, nos foi informado apenas que o regimento está desatualizado, não havendo a possibilidade de ser compartilhado com a pesquisadora.



Gráfico 1

Quando ao número de alunos matriculados no que se refere ao sexo, pudemos observar que houve aumento da quantidade de mulheres em relação aos homens. Nos anos anteriores, o quantitativo de mulheres era inferior aos homens; no entanto, no segundo ano de pandemia, com o processo de reabertura das escolas para as atividades presenciais, o número de mulheres, em comparação aos homens, cresceu, conforme podemos verificar no gráfico 2.

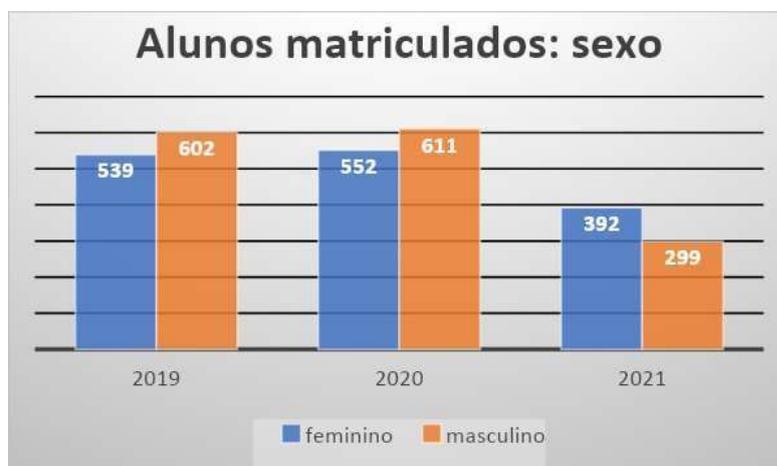


Gráfico 2

Quanto ao quantitativo de alunos e alunas matriculados no que se refere a sexo e raça, pudemos verificar que a maioria dos alunos e alunas se autodeclararam pardas. No entanto, o número de pessoas que não declararam a raça é maior da população preta autodeclarada. Tais dados indicam a importância de a escola se comprometer com o desenvolvimento do letramento racial dos seus educandos. É de suma importância a escola verificar o que provoca o silenciamento das identidades de seus alunos e desenvolver ações pedagógicas antirracistas e que levem ao desenvolvimento do reconhecimento e valorização das identidades.



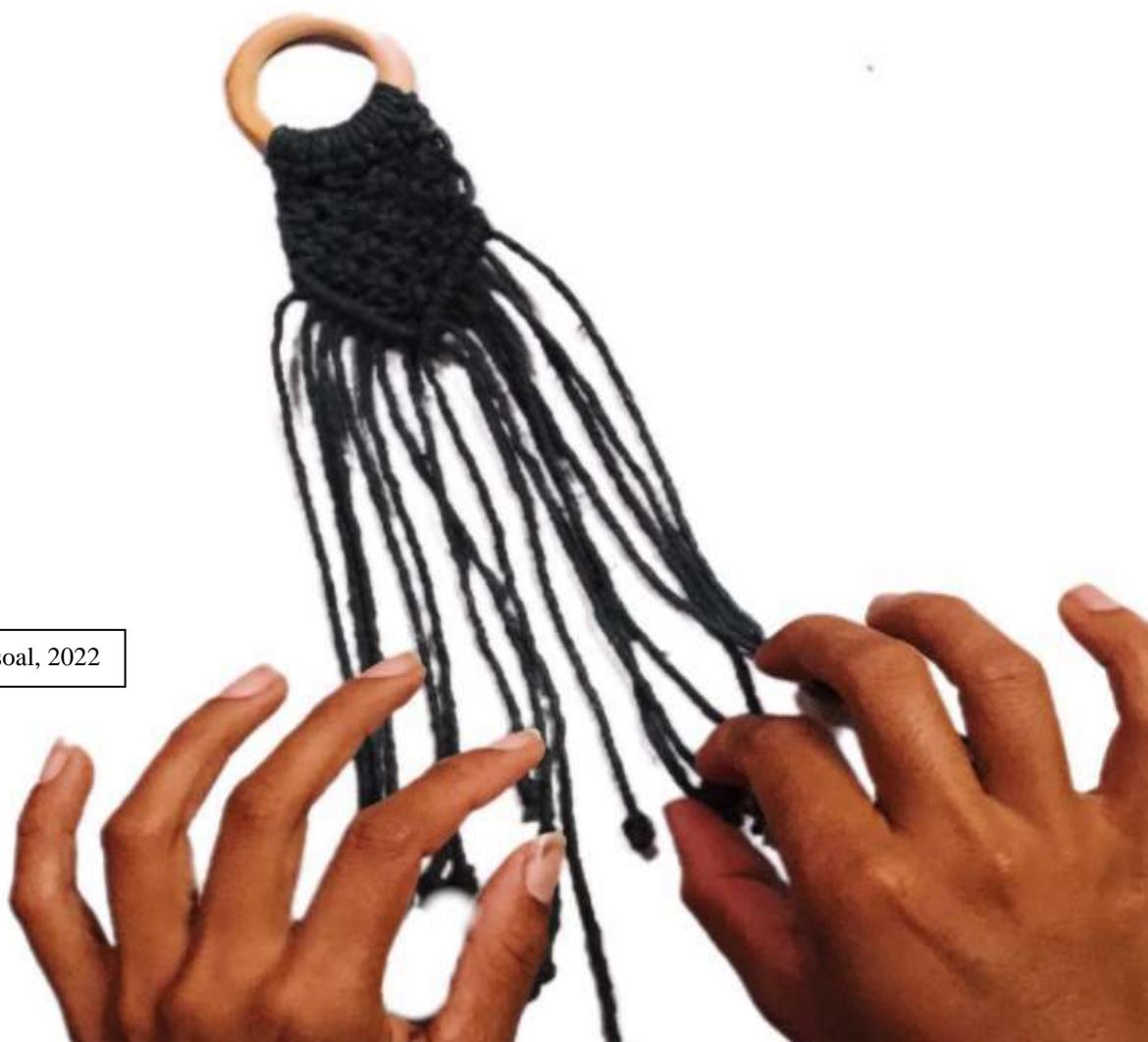
Gráfico 3

Os dados de matriculados no CEJA de Baturité não foi disponibilizado pelo do Censo da Educação Básica (2022), porém essas informações foram expostas no salão de convivência (figura 4) da escola. O CEJA contou com 282 estudantes cursando o ensino fundamental e 432 cursando o ensino médio. Em relação ao quantitativo de 2021, houve aumento de 23 alunos apenas.



Figura 4- Dados do alunômetro do CEJA de 2022

# Percursos Metodológicos



Fonte: MARTINS, Arquivo pessoal, 2022

### **3. PERCURSOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 Caracterização da pesquisa**

Nossa pesquisa é de natureza aplicada, com abordagem qualitativa, uma vez que temos por objetivo o desenvolver rodas de conversas, a partir de leituras críticas, utilizando de análises e verificações sobre os impactos do ensino e aprendizagens. E é qualitativa, principalmente, por esse método considerar “que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (PRODANOV, 2013, p.65), o que se enquadra no contexto aqui apresentado por ser um trabalho vivenciado no cotidiano escolar, com pessoas que compartilharam de conhecimentos e experiências.

O trabalho possui caráter descritivo, partindo do viés que temos diálogos, gravações de materiais auditivos e por termos como objetivo verificar como foi para as integrantes participar do curso. Para alcançar os objetivos propostos, primeiramente, este trabalho buscou utilizar da pesquisa-ação, devido ao curso ter realizado um trabalho de práticas voltadas para o estímulo de partilha dos conhecimentos interdisciplinares entre linguagem e arte.

Quanto aos procedimentos, optamos pela pesquisa-ação por considerarmos que a presente pesquisa é concebida e realizada em estreita associação com uma ação e com a resolução de um problema coletivo, bem como as pesquisadoras e as participantes representativas da ação estão envolvidas de modo participativo. A pesquisa-ação acontece quando há interesse coletivo na resolução de um problema ou suprimento de uma necessidade. Segundo Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa-ação também é considerada uma forma de engajamento sociopolítico a serviço da causa das classes populares, quando voltada para uma orientação de ação emancipatória e de grupos sociais que pertencem às classes populares e dominadas.

### **3.2 Delimitação do espaço e público**

O trabalho ocorreu no Centro Educacional de Jovens e Adultos (CEJA) Donaninha Arruda, no município de Baturité. Com a participação de sete estudantes e quatro formadoras, contabilizando onze integrantes no curso de Arte e Linguagem.

As participantes do curso foram selecionadas a partir de uma ficha de inscrição realizada pela coordenação do CEJA, as vagas foram distribuídas entre mulheres que moram em comunidades periféricas próximas à escola e alunas da escola.

### **3.3 Passos do trabalho**

Passo 1- Inscrições de participantes, fichas de inscrições no CEJA;

Passo 2- Reuniões e planejamentos de aulas com formadoras;

Passo 3- Encontros do curso;

Passo 4 - Para descrição do perfil das participantes do curso de Artes e linguagens do CEJA, foi aplicado um questionário com perguntas objetivas relacionado a identificação de: nome, idade, raça, identidade de gênero, orientação sexual e o motivo pelo qual estavam retornando para o CEJA;

Passo 5 - Análise e discussões sobre o perfil das participantes;

Passo 6 - Planejamento sobre gravação de Podcast e encontro sobre o que é um Podcast;

Passo 7 - Gravação do Podcast;

Passo 8 - Investigação da presença de uma discussão em perspectiva interseccional sobre Feminismo Decolonial, debates acerca das relações de raça, classe e gênero para ampliação da consciência crítica e empoderamento feminino no Podcast;

Passo 9 - Verificação, por meio dos relatos de experiências nos Podcasts, os impactos das oficinas no desenvolvimento da consciência crítica.

### **3.4 O processo até a gravação do *podcast***

Antes da gravação do material passamos por etapas que possibilitaram o resultado da interação do Podcast, foram elas: 1) vivência do curso por um período referente a sete meses; 2) oficina sobre o que era o Podcast e quais ferramentas usar; 3) compartilhamento de exemplos de Podcasts; 4) escrita de questionário como roteiro para ser utilizado na gravação com as participantes; 5) convite de participação com agendamento para gravação; 6) gravação do Podcast; 7) edição do material; 8) publicação em redes de comunicação virtual como Youtube e WhatsApp e 9) análise do conteúdo dialogado na gravação.

### **3.5 A análise do *Podcast***

O Método para a construção do Podcast ocorreu a partir da elaboração de perguntas estruturadas as quais direcionaram para temas como: Interseccionalidade, empoderamento e Impactos do curso na vida das participantes, pois partimos desta base estrutural para que fosse possível organizar o roteiro da gravação.

Já o método para a conversa ocorrida no Podcast foi a partir de entrevista semi-estruturada, para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Por fim, após a gravação do Podcast utilizamos o método descritivo para análise e discussão sobre os relatos.



# COLETIVO INTERLAÇOS

Fonte: MARTINS, Arquivo pessoal, 2023

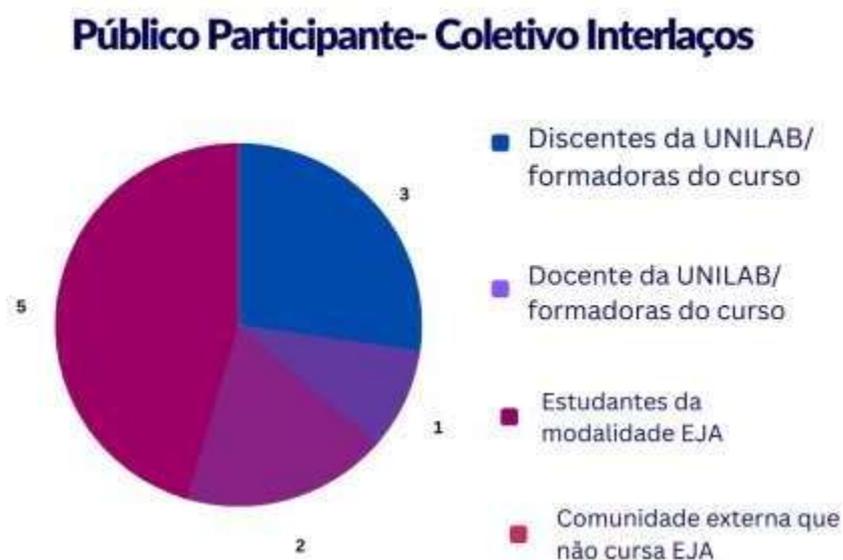
#### 4. CURSO ARTE E LINGUAGEM

O curso de arte e linguagem ocorreu no período de 20 de maio de 2022 a 22 de dezembro de 2022, os encontros aconteceram no CEJA, contando com a participação total de 11 integrantes, dentro desta quantidade temos estudantes do CEJA, formadoras/monitoras que são estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e uma professora da instituição.

O curso se configurou com módulos, as temáticas abordadas foram: Sustentabilidade, Feminismos, empoderamento, saúde mental, decolonização do ser, poder, saber, empreendedorismo e eventos de exposição. Para cada módulo era trazido uma discussão com essas temáticas e com a prática de elaboração do macramê como: estudo sobre a origem do macramê, tipos de cordas, como produzir de forma sustentável, aplicação de nós e produção de peças.

O grupo de inscritas formou, no decorrer do curso, um coletivo que foi nomeado de “Coletivo Interlaços”. O Perfil do coletivo foi então traçado de acordo com algumas informações sobre território e identidades, de acordo com o gráfico 1, logo abaixo, podemos identificar, a exemplo, qual público participa do coletivo, vejamos:

Gráfico 4 - Público participante



Fonte: Elaborada pela autora (2022).

De acordo com o gráfico acima, entre as onze participantes do coletivo, três são discentes da UNILAB, uma professora da UNILAB, dois estudantes da EJA, e cinco corresponde a comunidade externa na qual relataram terem se afastado da escola desde muito cedo para trabalhar ou por motivos da maternidade ter indeferido na permanência dos estudos. Adiantes temos dados sobre qual parte do território da cidade de Baturité cada uma reside:

Gráfico 5- Território do público de participantes do Coletivo Interlaços



**Fonte:** Elaborada pela autora (2022).

De acordo com o gráfico 2 , temos quatro moradoras da zona periférica do centro da cidade, uma da zona urbana do centro, quatro na zona periférica e duas na zona rural. Importante destacar que todas são moradoras da cidade de Baturité, sendo oito naturais da cidade de Baturité, uma da cidade de Morada Nova e uma de Fortaleza. Nossas idades variam entre 27 a 59 anos. Quanto à situação ocupacional, todas se consideram donas de casa e desenvolvedoras de mais de uma profissão, como a exemplo: três são agricultoras, cinco trabalham como artesãs, uma é terapeuta holística, três são estudantes da UNILAB e uma professora da UNILAB. Conferente a raça, três se declararam pardas, duas mulheres negras, uma indígena e cinco

brancas. Quanto à identidade de gênero, dez são mulheres cisgêneras e uma travesti. Das onze participantes, nove são heterossexuais, uma é bissexual e uma pansexual.

Nesta pesquisa, por vezes, abordaremos em específico as sete que se inscreveram para realizar o curso do público EJA. Convém destacar que o histórico dessas sete participantes é de mulheres que retomaram para sala de aula em busca de aprender algo novo, como o artesanato com macramê. O quadro 1, logo abaixo, demonstra os motivos que justificam os seus retornos para escola:

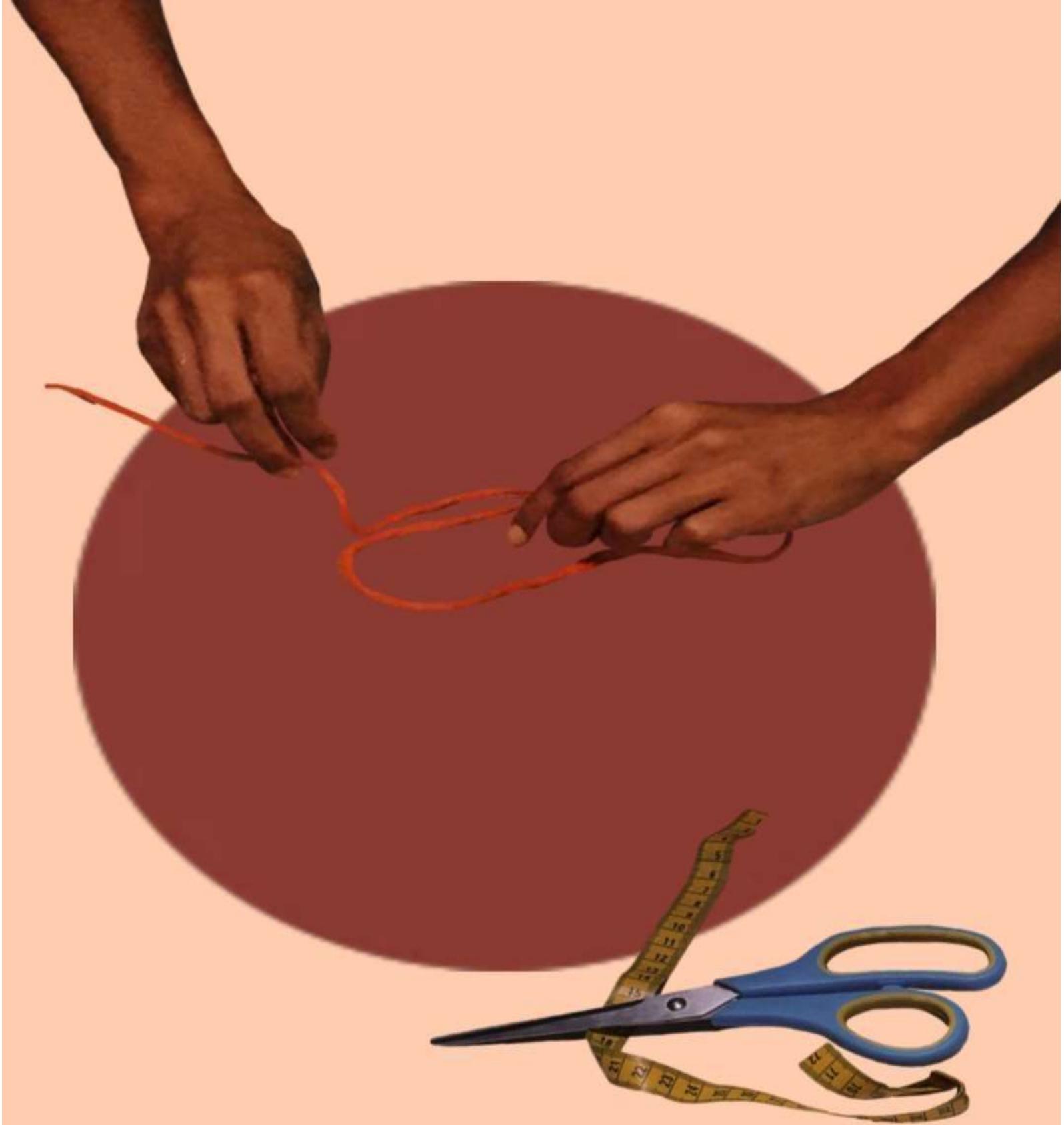
Quadro 1- Motivos para voltar a estudar

Abreviação do nome	Respostas
M.L.C.S.	Eu gosto muito e para arrumar um emprego para ajudar minha família
M.F.G.L.	Precisava de um conhecimento. Muito ruim ficar sem estudar, de ler, escrever, e porque gosto muito de arte.
I.F.L.	Porque queria concluir o ensino médio. E para estar na sala de aula para aprender artesanato.
M.F.S.S.	Aprender sempre mais.
M.A.A.O.	Não respondeu.
L.N.O.A.	Gosto de buscar novos conhecimentos e novos aprendizados.
A.P.L.S.	Por motivação de uma irmã.

**Fonte:** Elaborada pela autora (2022).

O quadro 1 traz um resumo de alguns motivos do retorno à sala de aula, e a busca de conhecimentos e aprendizados foi uma resposta predominante. Essas informações aqui compartilhadas foram a base para entendermos as interseccionalidades que cruzam o grupo. No mais, enfatizamos que a interseccionalidade mencionada não se limita apenas às informações

que trouxemos, apenas, optamos por destacar sobre: idade, raça, território em que moramos, identidade de gênero, orientação sexual e motivos de retorno a sala de aula.



Fonte: OLIVEIRA, Arquivo pessoal, 2023

# PODCAST: ENTRE NÓS

COLETIVO INTERLAÇOS

## 5. O PODCAST

O Podcast mesmo muito presente na contemporaneidade ainda causa um estranhamento para quem não mantém contato com o meio digital. Luiz e Assis (2010, p.01) conceituam, de modo geral, podcasts como “[...] programas de áudio ou vídeo ou ainda uma mídia de qualquer formato cuja principal característica é sua forma de distribuição direta e atemporal chamada podcasting”. Em linhas gerais, o podcast é um arquivo de áudio disponibilizado na internet em algumas plataformas de forma gratuita e em alguns canais tem um determinado custo benefício.

No Brasil, de acordo com Assis (2010, p. 2) “a maioria dos podcast lançados possuem blog ou site com links, imagens, e informações relativas ao tema apresentado que facilita a interação entre o ouvinte e a mensagem”. Já de acordo com Medeiros (2005):

[...] a grande inovação que o Podcasting propõe é o poder da emissão na mão do ouvinte. Com isso, não existe mais uma produção de conteúdo centralizado nas mãos de uma mídia. Cada usuário produz seu conteúdo descentralizadamente, disponibilizando-o na rede da melhor maneira que lhe convier (MEDEIROS, 2005, p.5).

Refletir o uso de Podcast como ferramenta de comunicação na educação de Jovens e Adultos - EJA verbera pensar na partilha de apontamentos do que é aprendido dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, as contribuições do uso da supracitada ferramenta são abordadas como uma peça-chave do nosso trabalho. O Podcast como estratégia para verificação, especificamente da oralidade no nosso curso surge como uma prática de estimular o empoderamento das mulheres para desenvolverem suas opiniões e posicionamentos contra o silenciamento de suas existências.

A autora Piza (2012, p.79) salienta que “*podcast* é uma evolução tecnológica que pode servir para alavancar e apoiar as antigas e/ou tradicionais formas de educação, mas também a ela, está reservada a possibilidade de transformação da aprendizagem.” Logo pensamos que a ferramenta possa ser um registro no qual fica arquivado e pode ser compartilhado para quem não pode participar pessoalmente ou para quem quiser acompanhar o diálogo realizado em outro momento disponível.

O processo de criação do Podcast proporciona um estudo escrito e oral nas pessoas que produzem e consomem. Através da criação dele podem ser estimulados debates interdisciplinares, abordagens de temas de maneira contextualizada; mobilidade e flexibilidade no processo de aprendizagem e principalmente a participação ativa de indivíduos na produção

de conhecimento. O Podcast é uma possibilidade de prática oral, que possui como característica a interação de conhecimentos. Nesta ferramenta de áudio as pessoas têm a escolha de qual tipo de linguagem utilizar, seja formal ou informal. Bem como praticar os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como: a pausa, a entonação, hesitações e ritmos.

E para além dos olhares didáticos da linguagem ou de bases técnicas da ferramenta podcast, esse trabalho baseia-se na definição elaborada por Freire (2013, p.68):

[...] cabe afirmar que podcast consiste em um modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução de oralidade e/ou de música/sons. Essa definição acaba por contemplar o fazer humano do podcast acima de seus quesitos técnicos [...].

Acreditamos que o ato de produzir ou participar de um podcast faz parte da prática de descentralizar os conhecimentos, e poder incentivar a oralidade e outros saberes na construção conjunta de criação de discussões críticas sobre determinado tema. A exemplo, o nosso podcast tem como assunto focal os impactos do curso na vida das participantes.

Nesse aspecto de atuação, o podcast serve principalmente para a aprendizagem ser significativa, pois estudantes precisam também serem autores e participantes ativas no podcast, assim, “participar como produtores de informação é muito mais importante para os alunos do que só acessar materiais prontos, mesmo que bem elaborados” (MORAN, 2000, p. 45).

A presença ativa das integrantes do curso ao participarem do Podcast gravado entre o próprio coletivo destaca a liberdade de autonomia e não só do ato de falar ao estarem sendo gravadas, mas também por estarem no momento da gravação dialogando criticamente sobre as interseccionalidades que cruzam suas vidas.

## 5.1 ANÁLISES E DISCUSSÕES

O podcast gravado foi nomeado de “Entre nós - Coletivo Interlaços” e publicado na plataforma YouTube, foi nomeado assim por ser um momento de discussão sobre a trajetória do curso e sobre as experiências das participantes no coletivo. A imagem abaixo ilustra o resultado da capa do podcast publicado:

Figura 5- Podcast: “Entre nós - Coletivo Interlaços”



Fonte: Sara Oliveira, colagem digital (2023)

Podcast disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=o-R8\\_-Hdtu0](https://www.youtube.com/watch?v=o-R8_-Hdtu0).

Para chegar às discussões da gravação do podcast, foi utilizado um roteiro norteador baseado em três eixos de perguntas voltadas para 1) Vivência do curso no CEJA com arte e linguagem; 2) Interseccionalidade e 3) empoderamento feminino. Durante a gravação também foram surgindo perguntas e diálogos espontâneos das próprias participantes. A gravação ocorreu no dia 16 de dezembro do ano de 2022, contando com 4 participantes. Convém evidenciar que quando citadas optamos pelo uso das letras iniciais de seus nomes.

O diálogo iniciou com a apresentação das integrantes do coletivo, me apresentando e apresentando as participantes, destacando que todas são residentes da cidade de Baturité-CE, a

primeira pergunta discutida no “Entre nós- Coletivo Interlaço” foi se perceberam alguma mudança de comportamento em relação a como entraram no curso e de como estão atualmente em relação à segurança para conversar e estarem gravando um Podcast, logo, a participante M.de F.G.deL. respondeu:

Eu me sinto super bem, gostei muito. (...) Para mim foi uma fisioterapia. (...) fisioterapia grande. (...) fisioterapia da mente. Porque você tem mais paciência pra poder fazer, você tem mais atenção. Porque se você não tiver atenção, você não faz o macramê. E tem que ter o tempo livre pra ele. Porque se você for fazer nas carreiras, você não consegue fazer nada. ( M.de F.G.deL., 59 anos)

Identificar de início uma resposta tão firme na autoanálise em ter desenvolvido uma habilidade nova, como a elaboração do artesanato macramê, nos demonstrou o quanto a prática de ensino na EJA, partindo de um olhar para subjetividade da integrante, se fez importante graças aos diálogos de sala voltados para o autocuidado a partir da arte e de como essa prática se tornou um instrumento de transformação social e manutenção da qualidade de vida da envolvida.

Desenvolver uma habilidade nova como autocuidado é reflexo de uma abordagem da pedagogia engajada que a autora bell hooks (2017, p.25) traz ao destacar sobre o ensino de um jeito que respeite e proteja as almas de estudantes, como também é essencial criar condições necessárias em um aprendizado mais profundo e íntimo.

Quando o conhecimento individual é vivido na prática, a interdisciplinaridade pode proporcionar mudanças do contexto pessoal para um social, numa perspectiva freiriana<sup>5</sup> a interdisciplinariedade pode modificar a forma como o ensino funciona e na prática pode propagar a cooperação e integração. “A educação passa a ter sentido ao ser humano porque o seu existir se caracteriza como possibilidade histórica de mudanças.” (FREIRE, 2000, p. 121). Nesse viés, uma outra pergunta discutida no podcast é a respeito da identificação de alguma realização pessoal vinda da experiência com o curso. A participante I. F.de L. comenta:

Sim, eu percebo que eu estou me sentindo uma mulher mais empoderada, né!? E também com a autoestima bem mais elevada, coisa que eu não tinha. Era tímida. Hoje eu já consegui me expressar com algo que eu sinto. E a minha primeira bolsa que eu vendi foi uma conquista, eu fiquei muito feliz, né!? Aí já paguei hoje as minhas cordas, viu!? Minha primeira bolsa. E é isso. (I. F.de L. 46 anos)

---

<sup>5</sup> Para Nogueira et al. a perspectiva freiriana numa metodologia Freiriana evidencia-se como um caminho para o processo de formação de uma consciência crítica do sujeito, o qual vai se construindo como protagonista das suas ações na sociedade, buscando transformá-la para bem melhor viver em comunhão com o outro e com o espaço de ocupação em que vive. (NOGUEIRA et al.,2020)

Quando I.F.de L. traz o empoderamento no diálogo ecoa em reflexões sobre estímulo da consciência crítica que autoras como Viganò e Laffin (2016, p.17) destacam sobre o quanto empoderar mulheres significa promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais e esse processo ocorre quando são realizadas desconstruções provenientes da reflexão crítica na aprendizagem educacional. As participantes frisam, por exemplo, sobre a consciência do progresso das discussões e da prática com o artesanato e a falta de apoio de políticas públicas da cidade para com espaços destinados a artesãs, principalmente referente ao coletivo de mulheres, as participantes compartilham:

A gente pensa em fazer e vender bastante. Só que a gente tem que ter um espaço para poder a gente trabalhar. É uma coisa que o Baturité não está tendo, esses espaços. Tipo com o Macramê, né!? Os outros artesãos até que eles estão dando o espaço, mas pra gente tá sendo um meio fechado. E a gente quer caminhos abertos, liberdade, pra vender nosso trabalho. (...) Nem que a gente tenha que virar os políticos pelo avesso. (M.de F.G.de L., 59 anos)

Eu acho também que a união faz a força, faz toda a diferença. Eu acho que o coletivo unido, juntas. Eu acho que não tem quem segura a gente. É isso. Vamos ser as vendedoras mais incríveis que já existiu aqui no Macramê. Vamos ser bem ousadas. (I. F.de L. 46 anos)

A fala das integrantes é, sem dúvida, um ato de empoderamento coletivo entre nós, quando pontuado “não tem quem segura a gente” a artesã demonstra um posicionamento de empoderamento não só individual, mas principalmente reforça uma fala de coletividade e resistência. Segundo Baquero (2012, p.2) O empoderamento pode ser entendido como uma ação ou um processo em que o indivíduo toma posse da vida pela interação com os demais, possibilitando mudanças e transformações nas relações sociais. Seguimos em diálogo:

A gente fica muito feliz quando uma parceira da gente vende uma peça, é uma conquista, né!? Porque a gente não esperava tanto vender, mas aí a gente tá vendendo e era um produto que não era visto em Baturité. Aliás, eu acho que é a primeira cidade do interior que tá tendo esse curso é essa. E a gente quer divulgar o nosso trabalho, né!? Pra gente vender bastante. (M.de F.G.de L., 59 anos)

Eu achei tão lindo, no caso que a M.F. colocou, quando uma vende, todo mundo comemora, né!? Porque é isso que é a ideia do coletivo. Que ao contrário da competição, da concorrência, é justamente a parceria, a cooperação, para que de fato a gente faça algo juntas. Unidas. E é como a I. F.de L. falou, a União faz a força. (J.G.G. de A.)

E hoje eu fiquei muito feliz porque eu ganhei né, um papel de embrulho já para quando eu vender minhas peças eu já embrulhar né, de uma artesã né!? Quer dizer, isso é o companheirismo né!? A M. ela me fez muito feliz por ter ganho esse mimo dela. E eu sempre ganho também da dona M.F. de vez em quando ela me dar uma linha, algumas coisas, e é isso né, acho que o coletivo é isso mesmo, união. (...) E o curso tem me motivado cada dia mais. Eu só tenho mais é que agradecer... porque a gente se sente gente às vezes, porque antes eu tinha autoestima baixa, eu achava que não era capaz, e hoje eu vendendo as peças, a gente se sente feliz e capaz. Eu sou capaz! Quer dizer,

mulher é onde ela quer estar né, e é isso, a gente sabe onde a gente vai querer estar né  
dona M. F? (I. F.de L. 46 anos)

Com certeza! Estamos até planejando de ir pra uma feira com nossas peças. (M.de  
F.G.de L., 59 anos)

A coletividade trazida nas citações da conversa acima é uma discussão que vai de encontro com o fortalecimento da subjetividade de cada participante, nos fazendo pensar criticamente sobre os porquês de não estarmos presentes em lugares de poderes, como também refletindo nossas interseccionalidades em marcadores de gênero, raça, classe, idades, entre outros. A interseccionalidade permite que os movimentos sociais observem a interconectividade das questões em comum, indicando o lugar desses movimentos nas relações globais de poder (COLLINS e BILGE, 2021, p. 165). Nesse viés, o nosso empoderamento passa a ser uma ação de reflexão, construção e desconstrução de reconhecimento de identidades.

Quando discutida as percepções das desigualdades de acesso a oportunidade por serem mulheres, ou por classe, raça, idade entre outros marcadores e se já deixaram de dizer suas opiniões em alguma situação do dia por serem mulheres, uma das participantes relatou que “Já sim, porque sempre as pessoas botam as mulheres pra baixo e acham que a mulher não tem valor de nada. Só que eu não me sinto assim, eu me sinto valiosa, e capaz de fazer qualquer coisa, desde que seja honestamente.” (M.de F.G.de L., 59 anos) essa resposta instigou um outro relato “(...) eu já passei por várias situações assim, de entrar num espaço e a pessoa me tratar mal porque eu não estava vestida da forma como ela quisesse...( J.G.G.de A.)” Consoante a esta colocação surgiu mais um compartilhamento:

Uma vez eu fui pra UPA né e eu tava com a roupa de casa e percebi que quando eu cheguei lá eu não fui bem atendida e eu tava na frente e chegou outra pessoa bem mais vestida e ela passou na minha frente e foi muito bem atendida né. Até por conta do tipo de roupas né, eu me senti assim, meio que excluída, então quando eu precisei ir pra Upa outra vez eu fui bem vestida, coloquei minha melhor roupa, então eu já percebi que me trataram de forma diferente, já me chamaram até pelo nome, e eu achei estranho, infelizmente isso acontece. (I. F.de L. 46 anos)

O compartilhamento da M. de F. G. de L. pode ser discutido na ótica da inserccionalidade, pois a participante mesmo tendo o marcador de gênero de mulher cis, que a aproxima das violências sexistas, não anula o fator de ser uma mulher branca, na qual em contexto de privilégios para com mulheres negras e indígenas, entre mais, não será deslegitimada por marcador de raça. Já a participante J. G. G. de A. A participante I. F.de L. 46 anos ao trazer o compartilhamento sobre vestimentas, também aponta outros pontos de atravessamentos como o de aparência e estética que podem constar nas violências sexistas,

racistas, classistas, etc. As intersecções acabam sendo contra múltiplas combinações e sobreposições das opressões e violências que possam fulminar o desempoderamento.

O diálogo do podcast então se direcionou para o pensar a interseccionalidade como um sistema de opressões que está interligado (COLLINS, 2019) e que dialoga entre as coexistentes “avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo” (AKOTIRENE, 2019, p. 23). A conversa foi focalizando cada vez mais sobre os atravessamentos a partir da tomada de consciência sobre violências de forma crítica. Surgindo assim a pergunta se alguém já havia duvidado do potencial de cada uma, e a resposta foi:

Com certeza, quando a gente mostra uma bolsa a pessoa diz “foi você quem fez?” É sempre um espanto né. Que a gente não é capaz, que como mulher é como se a gente fosse viver só de cozinha. Até comentário de outra mulher pra você, “você fez? Como assim?” E a gente se sente diminuída até porque possa ser outra mulher. Coisas que não deveriam acontecer. (I. F.de L. 46 anos)

A linguagem de anulação que a participante nos compartilha sobre o que chegou até ela, de “Você fez? Como assim?” foi uma fala violenta em que ela conseguiu identificar de imediato de quem essas palavras estavam vindo, o fato da reprodução desse discurso ter sido gerado por alguém do mesmo gênero a afetou significativamente, nesse ponto, a intersecção presente foi lida numa visão crítica partindo, principalmente, de seu posicionamento quando fala de como são “Coisas que não deveriam acontecer”. Collins e Bilge (2021, p.214) quando trazem Paulo Freire discutem que “Desenvolver consciência crítica sobre a maneira como as identidades individuais e coletivas refletem e organizam os domínios da estrutura de poder pode mudar uma vida”. Com o nosso coletivo acontece justamente nesse sentido, muitas situações de deslegitimação são vividas, compartilhadas e em discussões pensamos criticamente juntas a respeito.

Adiante, continuamos a dialogar sobre as linguagens de anulação direcionada a mulheres, e dessa vez pairou uma indagação vinda da participante J.G.G. de A. que foi “sobre a idade, muita das vezes a gente sabe que o preconceito tem o gênero, tem a classe, raça e também idade. Vocês já passaram por alguma situação de constrangimento por conta da idade?” as respostas foram:

Já! Começando pelo pessoal da minha casa, porque eles disseram que eu não tinha capacidade de construir uma casa, e eu disse que eu ia construir e não ia pedir nada a ninguém, e construí, mas só que quando eu chamei meu filho para comprar a madeira comigo ele disse que eu não ia conseguir e eu disse eu vou conseguir ! Ai ele ‘e a senhora vai cobrir com o que? Comprar madeira pra que?’ Pra cobrir minha casa porque eu já terminei, agora ta lá toda terminada. E agora outra também que eu disse que ia tirar minha carteira de habilitação, também duvidaram que eu não ia tirar e eu

vou tirar! E outra que não tem idade pra você fazer nada, não existe nada velho, pra mim não tem nada velho de jeito nenhum, porque se você joga um ferro velho ali, passa outro, cata ele, lixa, pinta já vende lá na frente, não existe nada velho. Agora o que existe é você se achar velho e ficar encolhido sem fazer nada. Minha mentalidade é bem novinha, acho que tem uns 18 anos. Mas tem que ser assim, a gente não tem que ficar lá embaixo porque fulano diz ‘você tá feio’, não, você tem que se olhar no espelho e dizer eu to viva ,bonita porque que eu não posso botar meu peito lá em cima? Posso sim! (M.de F.G.de L., 59 anos)

Eu acho que eu tenho vivido assim, já tenho 46, mas assim eu to vivendo dos meus 40 pra cá. Tenho percebido que eu tinha parado minha vida dos dezoito, que eu tinha tido minha filha, me casei. Eu Meio que eu morri, tava adormecida e agora dos 40 pra cá eu to vivendo fazendo coisas que jamais imaginei que fizesse. (...) Quero fazer um curso de jardinagem. Não quero mais parar. São coisas que eu gosto né, gosto de mexer em plantas, enfim, um dia quero fazer sim. (I. F.de L. 46 anos)

Quando o assunto é idade trazida em diálogos, podemos perceber que desafios e estigmas surgem nos relatos, e a desvalorização e deslegitimação partem do quanto são colocadas como incapazes a partir de uma discriminação etária. A idade torna pessoas possuidoras de experiências de vida que lhes permitem sobreviver em meio às dificuldades, o que para muitos seriam intransponíveis, para outras é a parte da subjetividade de seus saberes próprios, resultante de experiências desenvolvidas ao longo da vida.

É possível dialogar aqui, quando se trata de idade, especificamente de mulheres, que as oportunidades são anuladas para muitas. E quando o assunto é a conquista material, como construir uma casa, caso trazido pela participante M.de F.G.de L, ou estar almejando fazer um curso, caso da I. F.de L. que quer fazer jardinagem, podemos refletir sobre como uma movimentação que vai de desacordo com uma concepção sexista rompe a estabilidade das expectativas de papéis sociais que enclausuram mulheres como cuidadoras, esposas, mães e regradadas.

## **5.2 Os impactos do curso**

A troca mútua de conhecimentos e experiências pode ocasionar caminhos múltiplos de aprendizagens, a construção e criação de um coletivo é reflexo do impacto resultante do quanto uma sala de aula pode transgredir. Esta transgressão é cunhada por bell hooks, na qual frisa o quanto é a pedagogia engajada que “ênfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula” (hooks, 2020, p. 49).

Foi neste sentido, que o curso Arte e Linguagem resultou em relatos relevantes de mudanças sociais de vida de pessoas que antes estavam afastadas de espaços, não só

educacionais, mas sociais de interação. A participante (I. F.de L. 46 anos) ao resumir em uma palavra sua participação no curso e no coletivo Interlaços diz: “Pra mim a palavra é ‘renovação!’ Eu vivia dentro de uma rede, eu não vivia, eu vegetava. Então é renascimento e gratidão por conhecer pessoas maravilhosas.” Esse compartilhamento vai de encontro com o que a intelectual bell hooks nos repassa sobre a sala de aula, mesmo com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades e construção conjunta de uma comunidade. A Comunidade, diz hooks (2021, p. 179), “[...] é a unidade dentro da diversidade [...]”. E essa diversidade pode resgatar sentidos de viver e conviver em sociedade.

A vivência em coletivo foi uma linguagem nova construída e que permanecerá na vida das participantes, visto que postulam sobre como as trocas dos diálogos, das práticas com o artesanato macramê, os compartilhamentos e principalmente a escuta ativa entre pessoas que estão criando laços fez com que praticassem, diariamente, ações que vão de acordo com o respeito e a disposição do trabalho de escuta ativa de outras perspectivas de vidas além das suas próprias. A integrante M.de F.G.de L., frisou no Podcast “que as vezes eu fico calada só prestando atenção porque eu gosto de ouvir. E depois eu vou ver que vocês estão ensinando a gente a caminhar com nossas próprias pernas.”

A leitura pessoal dos atravessamentos que estão a passar e repassar foi uma tomada de ações perceptíveis ocorridas no curso, e uma tomada de consciência crítica a partir do ouvir, do conviver em comunidade e respeitar os limites de convivência em não oprimir a identidade de alguém por está em desacordo com princípios individuais, foi a partir do coletivo que as integrantes foram entendendo, na prática, que ao respeitar a identidade de alguém estamos também tomando consciência do autorrespeito e do saber viver em coletividade.

A participante I. F.de L. ao falar sobre como o curso foi também um construto da sua identidade pessoal, reforça o quanto a partir do coletivo pode identificar seu empoderamento acontecer, salientando:

Eu não me silencio mais, hoje eu falo até demais. Porque já fui silenciada muito tempo. É, eu falo, falo. Alguém tem que mandar eu parar porque eu não paro mais. Antes nem falar eu conseguia falar, não conseguia me expressar porque não conseguia de tão silenciada que era. Hoje não! O curso me fez muito bem, eu tenho voz, vez, tenho atitudes. É isso que o curso tem me trazido, fortalecimento, e é isso.

O falar como movimento de encontrar na própria voz a ação que pode causar liberdade seja de pensamentos ou de ações, foi uma das partes fundamentais no processo cotidiano do curso. Certamente, esta é uma das dimensões que mais foi impactante perceber no processo de construção desta pesquisa: mulheres encontrando sua própria voz, na medida que também reforçam outras ao redor a tomarem consciência crítica de seus papéis sociais baseados no respeito, compaixão e coletividade.

Ademais, outro resultado vindo do curso e retratado também no Podcast foi a participação do coletivo Interlaços (Figura 5) na exposição de Arte & Linguagens - VII Semana Internacional de Letras da UNILAB (SILU), realizada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) - Campus Palmares, nos dias 16, 17 e 18 de Novembro de 2022.

Figura 6- Integrantes do Coletivo Interlaços na exposição da UNILAB



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

A participação na exposição, representada na figura 5, proporcionou uma interação entre a universidade e a comunidade escolar, vínculo de parceria importante para o desenvolvimento educacional mútuo. A ida das participantes do curso do CEJA para UNILAB ampliou no grupo mais autonomia e estímulo para seguirem estudando, a pensarem sobre a isenção na

universidade como alunas ou investirem em suas carreiras profissionais. No que concerne a presença da universidade como incitante de projetos como este, contribui significativamente na mudança de vidas da comunidade interna e externa.

A exposição na UNILAB inspirou também uma outra realização e organização de feira, na ocasião, uma primeira feira artesanal com artesãs de Baturité, todavia, o êxito de fazer um momento para expor as peças feitas pelas participantes do coletivo foi acometido de empecilhos, pois na busca de encontrar um lugar para o evento tivemos como respostas o embarreiramento do secretário de cultura em não disponibilizar o espaço da Estação, lugar pensado de início para ocorrer a feira. Nesse mesmo período, o coletivo recebeu convite para falarmos do curso na rádio FM Girassol, e aproveitamos para expor para a população o quanto estávamos sendo impedidas de expor em praça pública da cidade por motivos voltados em "Interferir com a decoração do papai noel na cidade nos dias de mês natalino", o que não confere pois não utilizaríamos de equipamento algum da prefeitura, muito menos do que fosse relacionada a suposta decoração. A resposta que ficou da dificuldade estabelecida, foi que apoiar um grupo plural não entra nos investimentos de crescimento da cidade. A figura 6 abaixo é referente a nossa participação na rádio no dia 17 de dezembro de 2022.:

Figura 7 - Participação do Coletivo Interlaços na FM Girassol.



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Após a ida na rádio, podemos compartilhar com os moradores da cidade sobre a persistência em realizar a feira, que permaneceu sem apoio de políticas públicas. Entretanto, na garra do coletivo seguimos organizando a feira artesanal, (Figura 7) na qual incentivou demais artesãos da cidade a os apoiar e virem expor conosco na praça. A feira ocorreu no dia 22 de dezembro de 2022, na praça da Matriz de Baturité - CE.

Figura 8- Feira expositiva do Coletivo Interlaços



Fonte: Arquivo pessoal, 2022

O movimentar, mesmo a passos lentos, de ações que vão em desacordo com todas as estruturas que inviabilizam a presença de públicos plurais como o nosso coletivo, vai além das paredes da escola, vê-se que os fatores políticos estão declaradamente engendrados nas decisões e questões educacionais, marcando social e politicamente a comunidade interna e externa de escolas. Freire (1991) em seus escritos defendeu a luta por caminhos que levassem a conquistas e à efetivação dos direitos, trazendo a politicidade da educação e da escola para reflexão, explicitando que:

A natureza da prática educativa, sua necessária diretividade, os objetivos, os sonhos que se perseguem na prática não permitem que ela seja neutra, mas política sempre. É isso que eu chamo de politicidade da educação, isto é, a qualidade que tem a educação de ser política. A questão que se coloca é saber que política é essa, a favor de que e de quem, contra o que e contra quem se realiza. (FREIRE, 1991, p. 28)

Logo, o impacto do curso mobilizou outras pessoas a quererem conhecer o coletivo e a participar de movimentos como o nosso, foi e é na resistência que tornamos nossas presenças atuantes, positivamente, em sociedade.



Fonte: MARTINS, Arquivo pessoal, 2023

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos setes meses, para que o curso fosse concretizado, foi necessário persistência, sobretudo, na disposição de fazer nós, desatá-los e refazê-los, utilizo essa metáfora envolvendo os nós do artesanato macramê para simbolizar nosso processo de desconstrução e construção de consciência crítica coletiva. Também aprendemos a prática do artesanato através de diálogos contextualizados com a realidade de vida das integrantes. Com o trabalho realizado, foi possível perceber que as participantes do curso se engajaram na prática de envolvimento interdisciplinar da Arte e Linguagem, público que, embora inseridas em uma cultura sexista de desigualdades, se tornaram participantes ativas no processo educacional, enfrentando obstáculos para o acesso e permanência no espaço escolar e na cidade que vivem.

Iniciamos com o objetivo de desenvolver rodas de conversas a partir de leituras críticas com um grupo de mulheres da EJA em uma perspectiva decolonial e obtivemos resultados singulares da promoção do empoderamento feminino. Tais como relatos de resgate a vida social, e a mudanças coletivas de ouvir e serem ouvidas.

Outro resultado foi a movimentação e a presença assídua das integrantes em eventos, exposições e feiras no maciço de Baturité. Quanto a mudanças diárias também surgiram novas práticas, como por exemplo, a comunicação presencial e virtual a partir da promoção de peças.

Podemos destacar também que os empecilhos foram presentes durante todo o trabalho, obstante ao interesse público em investir no curso cedendo espaços para uma abrangência maior de participantes, pudemos contar com o ambiente do CEJA, e a partir desse lugar chegamos no público que formou o coletivo Interlaços. A ideia do coletivo surgiu para fortalecer nossas práticas e discussões diárias.

Dados os primeiros contatos com a turma foi perceptível, através das partilhas, o quanto o grupo era resistente ao retorno para o espaço escolar, como também era presente o fator idade, atravessamento na vida de muitas, por estarem há algum tempo sem retomarem a este lugar que é a escola.

E foi a partir do pensamento de bell hooks, presente durante todo o trabalho, na perspectiva de construir comunidade em sala que estimulamos as participantes a perceberem que todas estavam para partilharem seus conhecimentos. Mas o caminho até o surgimento do coletivo foi árduo, elaboramos juntas o lema de respeitar nossos cruzamentos identitários para uma boa convivência.

Os encontros semanais fizeram com que o engajamento das participantes se fortalecesse na medida em que também fomos discutindo em roda de conversas assuntos como: identidade, autocuidado, empoderamento, interseccionalidades e descrição de nosso perfil pessoal e coletivo. Quando começamos os diálogos sobre identidades, passamos a nos conhecer melhor e descrevermos nossos perfis, nesta circunstância, que o objetivo específico de descrever o perfil das participantes foi realizado, pois pudemos dialogar e compartilhar através de conversas e escritos quem era cada uma de nós, de onde viemos e como chegamos até o encontro da criação do coletivo.

Por conseguinte, ao realizarmos a gravação do Podcast, pudemos constatar o empoderamento das integrantes baseado no debate acerca das relações de raça, classe, gênero, idades, territorialidade, entre mais. Foi um papo sobre interseccionalidade a partir das experiências diárias de cada integrante, resultando na reflexão coletiva de que falar da opressão de gênero, não pode ser o único ponto ou o principal.

Discutimos então uma interseccionalidade a partir do empoderamento, ou melhor, do não acesso e presença em espaços de poderes. Baseando-se nas avenidas identitárias que se cruzam e entrecruzam (CRENSHAW, 2002). E ao partirmos desse pressuposto percebemos a consciência crítica se tratar de um mecanismo de emancipação política e social nos relatos das participantes.

No mais, a experiência do curso, o espaço e os relatos do coletivo no Podcast proporcionaram aprendizados sobre pensar a educação como prática de transgredir (bell hooks, 2017) e criar pontes de compartilhamentos. O trabalho resultante deixa encruzilhadas de caminhos a serem percorridos, seja com o mesmo projeto em parcerias outras cidades, seja como inspiração para novos projetos interdisciplinares, ou transdisciplinares.

Convém enfatizar que seria pertinente outros trabalhos que também construam uma modificação de conteúdo nos currículos da modalidade EJA, mudanças que levem em conta as subjetividades de cada pessoa. Bem, como pesquisas voltadas para estudos de leitura sobre: letramento crítico, branquitude, pluralidade, saúde de comunidades locais e tecnologias digitais. E principalmente, ações que promovam um movimento contra as fronteiras do sexismo, racismo, patriarcado ou preconceitos e para além delas. como diz bell hooks (2017) é esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade.

## REFERÊNCIAS

- ADICHE, Chimamanda, Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- Arruda, Francisco de Assis Vasconcelos. **Dicionário Biográfico Família Arruda**. Fortaleza, 2011 p.450
- ARRUDA, Miguel. **Os Arruda de Baturité**. **Revista Instituto do Ceará** (1978). Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1978/1978-OsArrudasdeBaturite.pdf>. Acesso em: 20 de jan de 2023
- BAQUERO, R. V. A. **Empoderamento**: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/debates/article/view/26722>. Acesso em: 22 de jan de 2023
- BENTO, Maria Aparecida Silva.; CARONE, Iray. (orgs.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 25-58.
- CARDOSO, L. **A Branquitude Crítica Revisitada e as Críticas**. In: MULLER, T. M. P.; CARDOSO, L. (Orgs.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.
- CISNE, Mirla. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 1. ed. São Paulo: **Outras Expressões**, 2012.
- COLETIVO Interlaços, Episódio1: Entre nós- Coletivo Interlaços , Baturité, CE: 22 jan. 2023. **Podcast**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=o-R8\\_-Hdtu0](https://www.youtube.com/watch?v=o-R8_-Hdtu0). Acesso em: 22 de jan de 2023.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia**: introdução à Ciência da Sociedade. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1987.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da distinção racial em relação ao gênero. **Revista Estudos Feministas** , v. 10, n. 1, pág. 175, 2002.
- CUNHA, Bárbara Madruga. **Violência contra a mulher**, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. XVI Jornada de iniciação científica de direito da UFPR. Curitiba, 2014. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.br/portal/>. Acesso em: 22 de jan 2023.
- FRANKENBERG, Ruth. **A miragem de uma branquitude não-marcada**. In: WARE, Vron (org.). **Branquitude: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 307-338. 2004.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática Tradução Bhuvan Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

INTERCOM, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2005.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos /Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. Rev. **Educação & Realidade**, v. 25, n.2, 2000.

LUIZ, L.; ASSIS, P. **O crescimento do podcast**: origem e desenvolvimento de uma mídia da cibercultura. In: SIMPÓSIO ABCIBER, 3., 2009, São Paulo. 3º Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura. São Paulo: ABCiber, 2009. 1 CD-ROM

LUIZ, L.; ASSIS, P. **Podcasting in Brazil**: democratizing the information In: IAMCR CONFERENCE, 2010, Braga IAMCR Conference 2010 Braga: International Association for Media and Communication Research, 2010.

MARTINS, Eduardo. Os papéis sociais na formação do cenário social e da identidade. **Kínesis**, Vol. II, nº 04, Dezembro-2010, p. 40-52.

MARTINS, Josiane. **Ponte cruzada**, 2023. Imagens disponibilizadas pelo nosso arquivo pessoal. Acesso em 6 de janeiro de 2023

MEDEIROS, M.S.D. **Podcasting: produção descentralizada de conteúdo sonoro**. In:

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. In: MORAN, José Manuel, MASSETTO, Marcos T., BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas: Papirus. 2000.

OLIVEIRA, Sara. **Virando pelo avesso**, 2023. Imagens disponibilizadas pelo nosso arquivo pessoal. Acesso em 8 de janeiro de 2023.

PINTO e Altit. Constituição na escola. **rev.Migalhas**, 2021. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/constituicao-na-escola/356010/como-a-constituicao-federal-garante-o-direito-e-o-acesso-a-educacao>. Acesso em 28 de jan. de 2023.

PIZA, Licia Frezza. O uso do podcast no ensino a distância do Centro Universitário Claretiano. Educação a Distância, **rev. Batatais**. V.2, n. 1, p.71- 87, junho 2012.

Prodanov, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RUFINO, Joel. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

